

Rabinow, Paul et al.: *Designs for an anthropology of the contemporary*. Duke University Press, 2008.

**Depois de *Writing Culture*:
projetos para uma antropologia contemporânea¹**

Carolina Branco de Castro Ferreira²
Unicamp

Finalmente, as macro e microrelações de poder e discurso entre a antropologia e o seu outro estão abertas à investigação. Nós sabemos algumas das perguntas que valem a pena ser feitas e perguntá-las torna-se parte da disciplina. (Rabinow, 2002)

Repleto de conhecimento antropológico, leveza e provocações *Designs for an anthropology of the contemporary* traz conversas entre Paul Rabinow e George Marcus, dois antropólogos estadunidenses que marcaram época e debates. Os diálogos são facilitados por Tobias Rees com a participação de James Faubion. Trata-se de uma leitura fluída e agradável, na qual o leitor encontra discussões atuais sobre a noção de contemporaneidade, etnografia, trabalho de campo, reflexividade e produção de conhecimento nas Ciências Sociais.

Os capítulos nos levam a pensar que foram organizados a partir das temáticas que surgiram no “bate-papo” antropológico dos quatro autores, uma vez que o texto apresenta aspecto contínuo, no qual, de tanto em tanto, Tobias Rees faz resumos da conversa e lança questões. Os primeiros diálogos do livro trazem problemáticas que encontramos desde *Reinven-*

ting Anthropology, organizado por Dell Hymes e lançado em 1974. Este livro já trazia elementos críticos do que mais tarde vão tratar os estudos pós-coloniais, bem como por *Reflections on Fieldwork in Morocco* (1977) de Paul Rabinow e por *Writing Culture* (1986) organizado por George Marcus e James Clifford. Na primeira parte do livro encontramos as trajetórias pessoais de Paul Rabinow e de George Marcus a partir de suas insatisfações políticas e metodológicas com o modo como, até então, o trabalho de campo era feito e o dado etnográfico produzido. Esse debate nos situa lá, no final da década de 60, onde uma *new sensitivity* foi gestada a partir de novas formas de entender o poder e a política. Essa nova suscetibilidade para criticar paradigmas (e criar outros), políticas e projetos científicos nasceu num terreno de eventos históricos e movimentos políticos. Os autores trazem a cena autores franceses que os influenciaram, como Foucault, Derrida, Deleuze, dentre outros. Bem como, o clima hostil por parte da “Gold Age” de antropólogos às ideias nascentes que ganhavam mais adeptos por parte dos estudantes.

A luta contra o colonialismo, o nascimento do movimento a favor dos direitos civis de minorias nos EUA, as reivindicações políticas e epistemológicas feministas, os movimentos ecológicos e pacifistas etc., possibilitaram a produção de novas ferramentas conceituais que modificaram definitivamente a antropologia e, de maneira geral, as ciências sociais. Isso se torna ainda mais relevante, se lembrarmos que nesse momento a antropologia estadunidense, de um lado, estava comprometida com concepções economicistas e com projetos de políticas desenvolvimentistas, e por outro, havia a tentativa de volta ao funcional-estruturalismo britânico.

É nesse contexto que as formulações interpretativas de Geertz abriram espaço para novas concepções com implicações metodológicas. Para este autor a cultura é uma rede de significados semióticos que pode ser comparada a um texto. Assim, a análise antropológica é uma interpretação

sempre provisória, pois o que chamamos de “nossos dados” é, realmente, nossa própria construção das construções de outras pessoas. Sob essa ótica, foi possível formular críticas às etnografias clássicas, nas quais o autor se encontraria ausente ao longo do texto ou, quando muito, descreveria brevemente o modo como chegou ao grupo estudado e a sua convivência com ele, a fim de legitimar os dados que apresenta – a fim de construir sua “autoridade etnográfica”.

Os diálogos entre os autores marcam que *Writing Culture* (organizado por George Marcus e James Clifford, mas com dois artigos de Paul Rabinow) foi um livro para promover, analítica e politicamente, a qualidade das etnografias como texto. Também os diálogos mostram como já disse Butler (1998), em outro contexto, que não há uma homogeneidade no que se entende como “posição pós-moderna”. Apesar de Geertz ser o grande inspirador dessa antropologia, denominada de “pós-moderna”, essa reúne um extenso grupo de antropólogos, cujas posições não são unívocas, além de muitos se distanciarem das proposições daquele. Para George Marcus (2008) o termo é inadequado. De acordo com ele “o rótulo de pós-moderno” deve ser pensado como um momento na história da antropologia, no qual a disciplina dedicou-se à crítica de tradições teóricas. Segundo ele, essa crítica foi incorporada ao fazer antropológico. Nesse sentido, se insistimos nessa ideia, toda antropologia produzida atualmente seria “pós-moderna”.

Alguns trechos do livro mostram as discordâncias de ambos com Geertz, pois para eles, aquele ainda teria deixado intocado à ideia de uma coerência cultural.³ Rabinow e Marcus também não concordam em tudo, às vezes George Marcus parece não ser muito “simpático” aos argumentos foucaultianos de Rabinow sobre alguns temas, apesar de considerar seu trabalho, *Reflections on Fieldwork in Morocco*, exemplar. O esforço argumentativo e de convencimento de ambos para defender seus pontos de vista e as diver-

tidas provações de Rabinow para Marcus, valem a pena serem conferidas.

Assim, mesmo quando os autores não têm uma posição unívoca, eles pertencem a uma comunidade interpretativa, ou melhor, para guardar as diferenças entre eles e deles em relação às questões colocadas, nos termos de Rabinow (2002) – eles fazem parte de uma *federação interpretativa*.

No entanto, há questões em comum que perpassam os diálogos. Uma delas é a crítica ao conceito de cultura como totalidade e homogeneidade, e o questionamento do poder explicativo deste conceito. Bem como, as críticas aos *usos da diversidade e da diferença*, para usar uma expressão de Geertz (1999), na constituição de representações culturais e de autoridades etnográficas. Enfim, como colocou Lila Abu-Lughod (1991) em *Recapturing Anthropology*, coletânea que desdobra o debate de *Writing Culture* na década de 90, é a produção e hierarquização das noções de “eu e outro” e da própria ideia de “cultura” que cria e perpetua a diferença cultural como diferenciação social perpassada por relações de poder.

No livro os autores debatem as contribuições para a antropologia e as tentativas teóricas e metodológicas atuais para trabalhar no marco das críticas de *Writing Culture*. Segundo eles, uma das contribuições é a reflexividade colocada por este debate, ou seja, os questionamentos críticos colocados para a disciplina são agora parte dela. Também outros campos de pesquisa foram abertos, e são mencionados autores, como Appadurai, e sua preocupação em reformular o conceito de cultura para entender o fluxo de pessoas e objetos na era da globalização. Os estudos sobre ciência e tecnologia (onde Bruno Latour e Donna Haraway são bastante citados) seriam uma alternativa desafiadora para aqueles (as) que desejam trabalhar fora das análises de identidade cultural.

Ali, uma crítica é feita à “antropologia das identidades”, principalmente por James Faubion. Segundo ele, apesar de várias correntes do feminis-

mo e dos estudos gays e lésbicos nos Estados Unidos questionarem um humanismo essencialista, por vezes, estes recaem numa totalidade, num *self* totalizador bastante comprometido com interesses políticos.

Este diálogo no livro não foi generoso com o campo feminista e *queer* estadunidense a respeito desta discussão. Pesquisas e autores não foram lembrados, uma vez que a crítica às noções de identidades fixas foi feita dentro deste campo, inclusive por Donna Haraway (1995 2004). Na década de 90, Butler (2003) questionou a respeito da identidade e do conceito de gênero mostrando como estas noções demandam um lugar pré-discursivo de formação, tal qual o conceito de cultura anteriormente, que os diálogos no livro apontam bem. De modo geral, nesse momento, a heterogeneidade do movimento feminista e mesmo dos estudos gays e lésbicos foi esquecida.

No último diálogo do livro, Tobias Rees faz a pergunta que não quer calar. Ele diz que todo o diálogo foi perpassado pela crítica da cultura como totalidade e o papel da antropologia nisso. Todos concordaram que não é mais possível abordar a noção de cultura como entidades separadas que ocupam espaços descontínuos. No entanto, ele afirma, que de certa forma, os antropólogos ainda continuam dedicando-se ao tema da cultura.

A distinção entre as noções de cultura e cultural é introduzida por James Faubion. Ele mostra como não nos contentamos mais com o conceito de cultura, no entanto, a ideia de cultural – “o cultural” – como dimensão constitutiva da vida humana a partir de planos abertos, continua sendo largamente utilizada. O autor atenta para os riscos desse uso, pois para ele, esse termo pode substituir/recolocar a ideia de cultura tal qual foi criticada. George Marcus contra-argumenta insistindo na relevância da ideia de dimensão cultural, mais do que na noção de cultura. Para o autor, o significado cultural como um marcador de diferença e não como algo genérico, continua sendo fundamental para o projeto antropológico.

Nas conversas finais os autores falam instigantemente a respeito de no-

vas normas e formas para a etnografia e para o trabalho de campo. Como estudante de antropologia muitas vezes em aulas de metodologia eu ouvi de professores/as que por mais que lêssemos textos metodológicos e etnografias, trabalho de campo só se aprende fazendo! É com isso que os autores estão preocupados, nas formas interdisciplinares, nas novas possibilidades de campo de pesquisa e na forma experimental de ler as etnografias clássicas, como afirma George Marcus. Eles utilizam a ideia de pedagogia, que guarda sentidos de “produção” mais do que o “de como ensinar”.

Os resultados dessa “experimentação” podem ser conferidos nos sites dos grupos de pesquisa e discussão a respeito do tema. O qual George Marcus é líder está em <http://www.socsci.uci.edu/ethnog/theme4.htm> e o de Paul Rabinow <http://anthropos-lab.net/about/>. Vale a pena uma visita. Este livro deve ser lido por aqueles(as) que se interessam por ciências sociais e por discussões metodológicas, com destaque para a etnografia e trabalho de campo. Além de ser recomendado para profissionais e professores da área, o livro é uma excelente leitura para os estudantes de ciências sociais e antropologia, porque além de conter elementos históricos da disciplina, o texto traz uma discussão metodológica original para aqueles (as) que estão iniciando suas carreiras ou fazendo trabalho de campo.

Notas

- 1 Resenha do livro de Paul Rabinow, George Marcus, James D. Faubion e Tobias Rees: *Designs for an Anthropology of the Contemporary*. Duke University Press, 2008.
- 2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – área de gênero –, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. carolinabcf.uni@gmail.com
- 3 Outro autor que estabelece um diálogo teórico-metodológico crítico com Geertz é Frederic Barth (2000) principalmente com a noção de pessoa em Bali e o próprio Bali-hinduísmo. Ele entende que, em vez de se compararem padrões culturais, devem-se comparar diferentes significados êmicos dentro dos próprios grupos, pois só entendendo a pluralidade

destes é possível destacar o sentido empregado pelos sujeitos sociais. O autor assume a hipótese de que a realidade é culturalmente construída, e, portanto, se torna imprescindível buscar, *empiricamente, o grau de padronização na esfera da cultura*, bem como *a diversidade de fontes* desses padrões. Ao problematizar os paradigmas teóricos a partir dos dados etnográficos de uma de suas pesquisas, Barth afirma que a tradição do bali-hinduísmo (no norte de Bali) possui conflitos internos e que nela há diversidade de autoridades, marcada, muitas vezes, por posições opostas no entendimento da liturgia e da organização sacerdotal. Além de o bali-hinduísmo não ser um todo coerente e padronizado, ele é uma dentre outras tradições existentes no norte de Bali, como o Islã, as aldeias Bali Aga, os setores modernos de inspiração ocidental e as relações sociais baseadas na feitiçaria, por exemplo.

Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila. "Writing Against Culture", in FOX (org.). *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: Scholl of American Research Press, 1991

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo"*. Cadernos Pagu, n. 11, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

GEERTZ, Clifford. *Os usos da diversidade*. Horizontes Antropológicos, vol. 5, n. 10, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. ou reimpressão.

HYMES, Dell. *Reinventing Anthropology*. New York: Vintage Books, 1974.

MARCUS, George E. *The end(s) of ethnography: social/cultural anthropology's signature form of producing knowledge in transition*. *Cultural Anthropology*, vol. 23, n. 1, February, 2008.

OVERING, Joana. *Men control Women? The catch 22*. *Gender Analysis, International Journal of Moral and Social Studies*. vol(1)2, 1986.

RABINOW, Paul. “Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia”, in _____. *Antropologia da Razão*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 (tradução do capítulo do autor de *Writing Culture*).

RABINOW, Paul. *Reflections on Fieldwork in Marocco*. Berkeley University of Chicago Press, 1977 (utilizada versão em espanhol: RABINOW, Paul. *Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos*. Madri: Júcar, 1992).